

HISTÓRIA DE UM VAQUEIRO PERTO DO AMOR

João Pinto

ESTA HISTÓRIA conta a minha ânsia de vaqueiro, doído de um amor inesperado; já que a mulher do desejo tinha fugido com outro homem talvez numa noite na cela de um cavalo azulão.

Mas, hoje, o que conto a vocês é sobre esse amor, de uma noite, chovia quando me encontrava no quarto da filha do meu Padrim. O quarto dava vista ao carnaubal com a lagoa e ao redor o capim, uma maravilha de limpar a vista.

De manhã ao nascer a vida ali, as garças, as curicas, os xexéus acordavam a gente ainda com os nossos favos cheios de sono.

Ao falar da Doquirinda, a dona do quarto, era uma mulher espetacular com os seus seios portentosos, pelos cabelos na cintura, o olho singelo nas duas cavas da vista e as coxas bem arrumadas.

Doca era comentada por todo mundo, uma manchete espalhada de boca a boca que alguém tivesse lido num jornal e foi passando. Mas como sou analfabeto, deixarei o jornal sobre a mesa do patrão que só a ele pertence.

Vou folhear as minhas páginas numa angústia, que até hoje não consigo esquecer.

Houve um tempo que a carnaúba fez maravilha no mundo. Meu Padrim então aproveitou o momento para encher sua casa de pedreiros e carpinteiros e de uma hora para outra a casa ganhou mosaicos na varanda e os tacos pelos quartos. E era numa varanda dessas ao lado que muita gente ficava esparramado para escutar Luiz Gonzaga, numa vitrola nos discos de vinis. E, no centro dessa gente, ficava meu Padrim especulando a cera no mercado e por perto a filha, a moça de encantos primaveris na paisagem por todo o lado. Falava pouco e curtia sua vida com várias gaiolas cujos cantos assoviavam nas manhãs de domingo.

A mãe morreu numa manhã de abril quando meu Padrim jamais pensava nessa tragédia. Mas a sementinha de olhos azuis sobreviveu ao parto. Cresceu com as vitaminas da cozinha e virou um espigão de beleza, bem definida; uma boa proposta para quem quisesse casar, mas aparecer uma fôrma ideal para ela que era o negócio.

Por esses tempos meu Padrim deu uma grande festa para comemorar o bom momento da cera, o dinheiro andava fácil. E o caboco no carnaubal era disponível e

mal pago. Cheio de andrajos ao morar num barracão cheio de morcegos e vida cheia de quizília.

Congregou os amigos, enviou convites, e sua casa ficou cheia das falas, a festa durou três dias. Passaram pela mão do açougueiro dois bois, muita comida e bebida, alguém trouxe a sanfona e o pandeiro, os casais dançavam dentro de um luar cheio de pinga e cigarro.

O velho inaugurou um pau-de-sebo no meio do pátio e na ponta um lenço branco com o retrato da filha, o vitorioso que arrancasse o pano ganharia um par de bois e um beijo da filha

A menina, criada entre cactos e as cascavéis, era o sertão mais atraente, que qualquer rapaz nas encostas sonhava deitar com ela para ser herdeiro de tudo. A fazenda era um canto da fartura.

Foram tantos inscritos que o pai, num momento de inspiração, soltou entre as pessoas quem arrancasse o retrato dela teria chance de noivar com a filha. Mas a filha descartou ao dizer em público: O pai é um brincalhão em cheio, diverte-se por qualquer coisa, daí ter feito o pau-de-sebo, mas não é ruim os pretendentes sonharem comigo. E brincou que se aparecesse um príncipe talvez a piada do pai tornasse coisa real.

Naquele dia, a festa significava o maior divertimento da gente, a nossa poesia com muita comilança. E começa tudo. Subiu no pau-de-sebo um boçal chamado Zé Tranqueira, que tinha um bigode fino ocultado no canto da boca, vaías e assovios; subiu o Luiz do Vale, um bonitão que só existia no chapéu-de-couro, montado num cavalo achatado cujas patas tiravam faísca do chão, vaías; subiu também eu derretido de paixão pela dona da festa com meus 20 anos de suor e aboios, as vaías se duplicaram.

Aí meu Padrim conclamava mais gente para subir no pau-de-sebo. Ainda há algum rapaz? E relanceava a vista entre a multidão. Nisso surgia um cavaleiro que ninguém dava uma peteca por ele, de jaqueta preta e calça colada. Nunca ninguém soube de onde esse sujeito era. Eu subo, disse o enigmático apalpando o pau. O Padrim consentiu, mas passou a fazer mal juízo dele, Parece um maricas, maricas só gosta mesmo é de trepar em pau.

O Padrim ria e entornava um copo na boca, mas o maricas parece que tinha nos pés cola arábica, colava os pés no pau liso, subia sem demonstração de queda, só olhava para o retrato, até o sanfoneiro deitou

sua rabeça nas pernas e espiava com interesse, e logo mais houve aquela explosão de gritos e palmas no momento em que arrancava com valentia o pano branco.

De repente Doquirinda viu-se amarrada à calça colada do maricas, era bater os olhos nela e ver a sujeita que capitulava à figura estranha daquele homem. Até os cascos do cavalo dele eram medonhos e pisavam o chão num rumor estrondoso quando tinha aparecido de repente ao lado do pau-de-sebo.

O rosto do Padrim mudou de cor, as mãos suavam, gritou então, Traga o maricas e os bois. Foi quando o rapaz atravessou o pátio e foi ao alpendre, fez um gesto de respeito ao Padrim. Desse maricas saía um macho bem talhado que deixou Doquirinda num peixe flechado por sorte. Ele tomou as mãos dela emocionado e falou: Te beijar é muito pouco para mim. O pai logo se juntou à conversa, De onde você é, Não importa a minha origem, importa o meu desempenho na competição, Então tome uma pinga comigo, Pai, que modos são estes, recriminava a filha. Não posso, bebida me deixa esquentado, também mande levar os bois para o seu curral de volta pois dispenso eles.

Logo ele se ajoelhou, tomou uma das mãos da garota e beijou, Posso falar um particular? Doquirinda saiu de um banco para uma parte do alpendre, assim a conversa nervosa: Topa deixar a tua família? A moça talvez se sentiu um curió perdido com a proposta. Tremia muito. Volto de madrugada e te levo, Acho arriscado, Quem não arrisca não petisca, Mas meu pai é homem de respeito na região, Mas chegou a hora da tua mudança.

Essas foram algumas palavras que ouvia com tanta raiva. Daí pra frente foi o que se sucedeu, ele saltou no cavalo, e quando desapareceu da festa, a sua figura esguia e apertada das roupas virou o dilema do Padrim com toda controvérsia no ar.

A chuva se derramava nas bicas, metia a chave na porta do quarto, grande escuridão na zona de conflito. E me lembrei da conversa que tinha tido com dona Chagas pela manhã, a empregada deles. Você gostava dela, vaqueiro? Eu sei, mas era um amor que nada de certeza poderia te dar por causa da tua condição. Via dona Chagas nesse momento devolver a chave do quarto à gaveta do armário na cozinha. Foi de lá que depois tirei.

Mas dona Chagas ela fugiu, nem teve consideração com o meu Padrim, imagine com um vaqueiro que nem choupana tem para morar, Ah, isso é verdade, também não faz mal alimentar, pois no fundo quem não alimenta não pode ser poeta.

De vez em quando os relâmpagos riscavam com pequenas luzernas que caíam e batiam no lençol da cama dela. Daí pra frente comecei a beijar tudo que havia pelo quarto. Numa ânsia desmedida. E ao fazer isso cavalgava com as patas do meu cavalo atrás da bezerra fujona. Tirei do guarda-roupa a rede dela, a varanda tocava pelo taco, deitei-me, que sol-a-sol macia, meus amigos. Logo mais estando ali, ouvi alguém empurrar a porta e entrar também no cenário.

Fez-se um silêncio no alpendre da casa do vaqueiro e alguém perguntava: Quem era, vaqueiro, Não sei, Joca, mate a charada no final da história. Fiquei de orelhas em pé. A chuva retina nas telhas.

Pulei da rede enquanto o invasor aproximava a mão aos objetos que havia tocado. Me salvei debaixo da cama; a respiração bem pouca e uma emoção dos diabos. Daí ouvi uma voz bem lamentosa. Esqueceram de fechar a porta, com certeza os dois estão brocos. Quem estaria broco, seria eu ou dona Chagas? Eu estava ali no quarto pela primeira vez, no dia seguinte iria deixar a casa do meu Padrim.

O sujeito puxou o tamborete da penteadeira, depois um ruído de pinga no copo; também fumava. Daí a pouco ele deu um soco na mesa, e começou a chorar. Essa ingrata nem teve coração, mas você amanhã vai saber da minha notícia, só então desconfiei que era o Padrim que havia se recolhida ao quarto pra prantear a sua desilusão. Cuidei dela desde os cueiros, lavei a bunda, coloquei talco entre as pernas por causa das assaduras.

Depois da fuga da Doca a fazenda entrou em crise. Cada um chorava seu choro inesperado, mas o meu era por um amor quase impossível. O Padrim ia secando mais garrafas, tempos depois voltou da viagem fracassada. Saiu numa tarde num cavalo cilhado, todo um cavaleiro medieval das carnaúbas, um chapéu de palha, na cinta um revólver, logo atrás um capanga com as munições e as provisões da viagem, em busca do seu santo graal, dizia. Vou atrás da minha Doca. Frequentou as estalagens desertas; o paraíso das tentativas e cobriu-se de poeira e fome, perguntando

sempre. Alguém viu essa moça? O retrato pendurado no pescoço, Não senhor, todos diziam, depois de vários meses voltou, como um pescador cuja tentativa do anzol nunca visgava o peixe.

A barba cresceu; virou alcoólatra. O soluço aumentava com as batidas na mesa, o copo se enchia, logo mais o espelho da penteadeira quebrou, vários socos na mesa novamente, levantou-se com dificuldade, talvez troncho, ou bambo, atravessou a porta e devolveu a porta ao trinco com violência.

Lá fora a chuva batia, era ver o conjunto radiante de uma chuva. O vulto saía, pulei de volta à rede, na rede da Doca me encontrava casado, quem numa hora dessas não cria uma mulher com os peitos duros e o batom. Dormi por pouco tempo aos sobressaltos, teria sido o pai mesmo ao violar os objetos que tanto cobiçava. Há anos eu a imaginava só minha na tela árida do sertão com meus espinhos de vaqueiro. Grandes lágrimas me rolaram naquele momento, fechei os olhos, agora não queria estar perto da chuva mas dentro dela.

Mais tarde acordei, o dia já clareava num céu que tinha se salvado com a chuva, foi quando ouvi um disparo de um rifle 44, que vinha de algum lugar da casa, em seguida vieram os gritos pela casa, pulei da rede e saí correndo pelo corredor. O que foi isso dona Chagas, perguntava a doméstica com igual veneno de espanto, Também não sei, ela me dizia, toda trêmula, a cara mais mofina do mundo, Então vamos atrás do Padrim lá para o quarto dele, É melhor a gente passar primeiro pelo quarto da Doca, Não, de lá já venho, Ah, então foi você quem tirou a chave da gaveta, Tirei mesmo e não me arrependo embora uma pessoa tenha entrado lá depois que entrei, E quem era, Não sei, agora pouco importa isso, Mas o que você fez foi feio, rapaz. Ó dona, deixa eu viver do meu jeito de homem que ama.

João Pinto

Piauiense, migrou para o Amazonas, morou no interior do estado. Foi professor na rede estadual de ensino ao lecionar língua e literatura brasileira. Enquanto lecionava, escrevia seus três livros de contos (*Luzes Esvaidas*, *O ditador da terra do sol*, e *Contos de uma aula no vermelho*, este aborda as mazelas da sala de aula). É casado com Elis Regina Rebelo e tem três filhos. Aposentado, nesse momento escreve seu primeiro romance *As pedras doentes da rua do fio*, obra que destaca como tema principal o mal de Alzheimer. É formado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.